

BB 80/2026

RECEPÇÃO DE *A MENSAGEIRA*: REVISTA LITERARIA DEDICADA À MULHER BRAZILEIRA¹

Cecil Jeanine Albert Zinani

Universidade de Caxias do Sul

Esta revista, dedicada às mulheres, pareceu-me dever dirigir-se especialmente às mulheres, incitando-as ao progresso, ao estudo, à reflexão, ao trabalho e a um ideal puro que as nobilite e as enriqueça, avolumando seus dotes naturais.

Júlia Lopes de Almeida. *A Mensageira*, n. 1, 15 out. 1897

RESUMO: A imprensa oficial, no Brasil, iniciou somente quando o país deixou de ser colônia e passou a constituir o Reino Unido, com Portugal e Algarve, em 1808. A imprensa de mulheres foi instituída com sensível atraso, comparando com outros países. O foco deste estudo é a revista *A Mensageira*, relativamente à sua recepção por outros órgãos de imprensa. Havia o costume de os periódicos enviarem exemplares para outras publicações, as quais faziam apreciações sobre o material recebido, divulgando-o em suas páginas. Por sua vez, as revistas remetentes copiavam essas impressões e as reproduziam nos exemplares seguintes. Dessa maneira, este estudo versa sobre opiniões emitidas por periódicos que receberam as revistas, as quais foram reproduzidas na em *A Mensageira*. Primeiramente, traça-se um perfil do periódico para, posteriormente, ser analisada a recepção da revista. Conclui-se que houve a percepção de que se tratava de uma publicação diferenciada, ainda que não fosse apreendido seu real objetivo que era chamar a atenção para a necessidade de as mulheres investirem em sua educação, tanto para se tornarem melhores mães de família, quanto para desempenharem uma carreira profissional.

Palavras-chave: *A Mensageira*; imprensa; recepção.

ABSTRACT: Official press, in Brazil, only began when the country ceased to be a colony of Portugal and came to constitute the United Kingdom, with Portugal and the Algarves, in 1808. Women's press was established relatively late, in comparison to other countries. This study's focus is the magazine *A Mensageira*, and is concerned with its reception by other publications. It was customary for magazines to send copies to other publications, which would in turn publish opinions on the received material, divulging it in their pages. The sending magazines would then print these impressions and reproduce them in subsequent volumes. Thus, this study is about the opinions issued by the publications which received

¹ Em todas as citações da revista, foi mantida a ortografia original.

the magazines later reproduced in *A Mensageira* itself. At first, a profile of the magazine is drawn to, then, analyze its reception. In conclusion, it is found that there was the perception that the magazine was a distinguished publication, even if its real aim, which was to highlight the necessity of women investing in their education, to become better mothers as well as to have a career, was not fully grasped.

Keywords: *A Mensageira*; press; reception.

Michelle Perrot, no capítulo “Palavras de mulher”, da obra *Mulheres públicas* (1998), descreve a trajetória percorrida pelas figuras femininas para se apropriarem da palavra. Confinadas ao espaço doméstico, sem instrução adequada, personagens menores na sociedade patriarcal, destinadas ao silêncio, elas conseguiram se fazer ouvir e conquistar um posicionamento próprio com muito esforço e enorme persistência. Com base na sociedade francesa do século XVIII, Perrot destaca o papel das preciosas, como eram denominadas as mulheres que frequentavam salões nos quais se exercitava a arte da conversação. Embora ridicularizadas na comédia de Molière, *As Preciosas Ridículas*, as figuras femininas discutiam política, arte e acontecimentos sociais, sendo ouvidas e respeitadas. Dos salões, passaram às assembleias, nas quais não podiam se manifestar, porém podiam ouvir e formar sua opinião, enquanto ocupavam as mãos tricotando. Para adentrar nesses recintos, algumas se travestiam de homens, como o caso de Flora Tristan, avó do pintor Paul Gauguin.

No século XIX, com o desenvolvimento do serviço dos correios, a correspondência tornou-se intensa, com as mulheres se transformando numa espécie de secretárias das famílias. Da escrita de cartas, o naipe feminino enveredou pela literatura, área em que os obstáculos a enfrentar foram inúmeros, tanto pela carência de meios expressivos, devida a uma educação deficitária ou quase inexistente, quanto pela atitude dos membros masculinos da família, que se opunham a qualquer manifestação literária que não tivesse a chancela do homem. Finalmente, elas conseguiram chegar à imprensa, utilizando, primeiramente, os rodapés dos jornais, nos quais publicavam contos, poemas, crônicas de viagens e, mais adiante, romances-folhetins. Paulatinamente, apropriaram-se de espaços maiores, chegando a publicar suas próprias revistas (cf. Perrot, 1998).

Como a imprensa, no Brasil, iniciou, oficialmente, em 1808, as publicações das mulheres também tiveram um início tardio, mas nem por isso deixaram de existir. A obra de Constância Lima Duarte, *Imprensa Feminina e Feminista no Brasil: Século XIX – Dicionário Ilustrado*, de 2017, elenca, aproximadamente, 140 periódicos que tinham a mulher como destinatário. Provavelmente, o número não esgota essa modalidade de publicação. O primeiro jornal dirigido

por uma mulher foi o *Belona Irada Contra 9os Sectários de Momo*, fundado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, por Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, em 1833. Não era uma publicação feminista, porém de cunho político, posicionando-se ao lado do partido governista Caramuru, em oposição ao partido Farroupilha, republicano e defensor dos interesses dos pecuaristas sul-rio-grandenses. Como foi uma publicação que ficou restrita ao estado, praticamente desconhecida fora desse contexto, tendo sido salva do ostracismo por Zilah Lupinacci Muzart (2003). Foi considerado o primeiro jornal dirigido por uma mulher o *Jornal das Senhoras*, de 1852, fundado e dirigido por algum tempo por Juana Paula Manso de Noronha, escritora e jornalista argentina que se encontrava exilada no Brasil.

Um periódico relevante por sua singularidade, pois se afastava das características das publicações femininas da época, foi *A Mensageira*: Revista Literária Dedicada à Mulher Brasileira, publicada em São Paulo, entre 1897 e 1900, dirigida por Presciliana Duarte de Almeida. O objetivo da revista era publicar textos literários, além de artigos com divulgação de novos conhecimentos e artigos de opinião. Além disso, a diretora estimulava as brasileiras para que colaborassem com a revista, enviando seus escritos. A publicação contou com a colaboração de renomadas escritoras da época, como Adelina Lopes Vieira, Francisca Júlia da Silva, Ignez Sabino, Júlia Lopes de Almeida, Maria Clara da Cunha Santos. Também contribuíram autoras de Portugal como Guiomar Torrezão e Maria Amália Vaz de Carvalho, e da França, como Eugénie Potonié-Pierre. A revista aceitava colaboração masculina, no que era criticada, ainda que os autores advogassem os mesmos princípios da diretora. Um dos temas mais enfatizados na revista era uma educação de qualidade para as mulheres, seguindo uma tendência bastante frequente na época.

Como era costume no século XIX, os periódicos cultivavam o hábito de trocarem as publicações entre si. Os destinatários acusavam o recebimento do jornal ou revista, publicando em suas páginas alguma apreciação sobre o impresso recebido, a qual era reproduzida no periódico original. Dessa maneira, é possível ter uma ideia da circulação e da recepção do jornal ou da revista. Assim, com base nas opiniões emitidas por outros veículos da imprensa e publicadas em *A Mensageira*, é possível realizar um levantamento da recepção dessa revista, discutindo aspectos considerados relevantes.

Perfil da revista *A Mensageira*

Circulou, em São Paulo, entre 1897 e 1900, a revista *A Mensageira*, que tinha como subtítulo “Revista literária dedicada á mulher brasileira”, dirigida pela escritora mineira Presciliana Duarte de Almeida. Na época da publicação dessa revista, a república brasileira contava apenas com oito anos e a abolição com nove, portanto, tratava-se de um período histórico bastante conturbado, com o domínio de oligarquias, compostas por grupos que controlavam os meios de produção, e do coronelismo que comandava os processos eleitorais. Era uma sociedade estratificada, que estava tentando reacomodar-se, uma vez que, até então, a economia era baseada no trabalho escravo. Era um contexto em que predominava a família patriarcal, tornando muito difícil a ocupação de espaços públicos pelas figuras femininas. Assim, o surgimento de uma revista preocupada em dar voz à mulher, em defender seus direitos à educação, ao trabalho, ao exercício de profissões liberais, às quais estava habilitada por sua formação e, eventualmente, ao voto e ao divórcio, não deixava de causar grande estranhamento. Para tanto, a revista divulgava a produção literária escrita por mulheres, a conquista de brasileiras de diplomas de conclusão de cursos em universidades brasileiras e estrangeiras, notícias sobre senhoras que ocupavam cargos de relevo em academias de ciências e no magistério superior, além de suas descobertas científicas. Na verdade, considerando uma população majoritariamente analfabeta, a revista dirigia-se a uma elite que tinha condições de operar transformações no país. Essa era a pauta da revista de Presciliana; ainda que esses temas fossem relevantes, eram apresentados sem causar grande polêmicas, o que poderia, à luz das interpretações contemporâneas, ser considerado um feminismo possível para a época, ou seja, evitando o confronto tanto de homens quanto de mulheres.

A aquisição da revista *A Mensageira* era feita por meio de assinaturas, com locais de venda avulsa. A circulação abrangia desde o Piauí até o Rio Grande do Sul, sendo que o maior número de assinantes concentrava-se em São Paulo, local da edição, Rio de Janeiro e sul de Minas Gerais, região de origem da diretora Presciliana Duarte de Almeida e de seu marido Sílvio de Almeida. Não se conhece o número exato de exemplares, porém, calcula-se que as edições giravam em torno de 500 cópias, que eram uma espécie de tiragem padrão para a época. Inicialmente a revista foi quinzenal e, após uma interrupção de quatro meses, período em que a diretora esteve de luto pelo falecimento de seu filho mais jovem, passou a ser mensal. O preço da assinatura anual era 12\$000 (doze mil réis) por ano, e o número avulso custava 1\$000 (um mil réis). Junto ao preço havia o aviso que a assinatura deveria ser paga adiantadamente.

O primeiro número da revista circulou em 15 de outubro de 1897, contendo 16 páginas. O periódico encerrou suas atividades em 15 de janeiro de 1900, com uma edição ampliada de 24

páginas, totalizando 36 edições. A proposta da revista, de acordo com o editorial, era levar “ao remansoso lar, algum pensamento novo – sonho de poeta ou fructo de observação acurada” (Almeida, 1987, p. 1), para as brasileiras, que seriam irmanadas por ideias afins. No primeiro número, além do editorial intitulado “Duas palavras”, foram publicados seis sonetos, de autores diversos, uma carta e um conto de Maria Clara da Cunha Santos, um artigo de Júlia Lopes de Almeida, um texto de Sílvio Almeida, duas colunas: a “Chronica Omnimoda” de J. Vieira de Almeida e “Notas pequenas”. Verifica-se que a literatura, aspecto mencionado no editorial, ocupou espaço considerável. O artigo de Júlia Lopes de Almeida, denominado “Entre amigas”, é um libelo em favor da educação, chamando a atenção da família para empenhar-se nessa cruzada, apontando dupla vantagem: primeiramente, a educação torna a mãe de família mais qualificada para dirigir o lar e criar os filhos, em segundo lugar, porém não menos importante, a instrução capacita a mulher para exercer uma profissão fora do lar, quando faltarem recursos, impedindo a indigência de famílias. Os demais números seguiram, aproximadamente, esse desenho.

Contribuíam com *A Mensageira* escritores renomados, constatando-se que o número de colaboradores excedia o de colaboradoras; no entanto as contribuições femininas excederam em quantidade as masculinas. Os cavalheiros que participavam da revista comungavam dos ideais feministas expressos pela diretora da publicação, com apenas uma exceção. Tratava-se de João Vieira de Almeida que escreveu a “Chronica Omnimoda” publicada em 13 números apenas.

Constituíam colunas fixas, publicadas na maioria dos 36 números, a “Carta do Rio”, as “Notas pequenas” e “Seleção”. “Carta do Rio” era de autoria da escritora, pintora e musicista Maria Clara da Cunha Santos, prima da diretora. O texto consistia numa modalidade de crônica de costumes da época, com pequenos relatos de acontecimentos curiosos, notícias sobre acontecimentos sociais de caráter artístico, como exposições, concertos, lançamento de livros, visita de escritoras estrangeiras, concursos literários. Tanto “Seleção” quanto “Notas pequenas” eram elaborados por Presciliana; a primeira coluna constava de excertos de textos, reflexões, poemas, considerados relevantes para a ilustração das leitoras; a segunda publicava notícias sobre colaboradoras, livros, lançamento de revistas femininas em outros países, a circulação e a aceitação de *A Mensageira*, prêmios recebidos por mulheres, entre muitos outros assuntos. Uma característica que merece destaque é a ausência de artigos sobre moda e etiqueta, de receitas culinárias e conselhos sobre puericultura, de uma seção de correspondência (o famoso ‘Consultório Sentimental’), aspectos indispensáveis nas revistas femininas. Também reproduzia artigos de outras publicações sobre conquistas femininas.

Um tema recorrente é a mulher. Textos sobre educação, sufrágio feminino, notícias sobre direitos das mulheres, entre eles, o do exercício da advocacia, notícias sobre realizações femininas, como organização de creches, reconhecimento do valor de figuras femininas, como o caso de Madame Dreyfus. O periódico também era solidário ao movimento antibélico, alinhando-se à publicação feminista francesa *La Fronde*.

A revista apresentava diagramação e impressão em duas colunas, bastante cuidada. As matérias eram separadas por pequenas ilustrações como vinhetas, pequenas flores, galhos, anjos, borboletas, pássaros. Ao contrário de periódicos semelhantes, *A Mensageira* não publicava anúncios. A publicidade somente era veiculada na sobrecapa destacável. Eventualmente, eram publicados retratos de pessoas do mundo das artes, escritores, pintores. Uma coluna específica, denominada “A Mensageira”, veiculava comentários sobre a revista, reproduzidos de outras publicações, conforme consta a seguir.

Recepção de *A Mensageira*

Questões relacionadas à recepção de objetos estéticos ou daqueles originados na cultura de massa costumam atrair a atenção de estudiosos que buscam verificar a repercussão causada pela circulação desses objetos. Uma modalidade de estudo da recepção de jornal ou revista consiste na revisão do registro da permuta desses impressos entre os diferentes veículos. Dessa maneira, a fonte para este estudo consiste nas observações publicadas pela própria revista, reproduzindo opiniões publicadas em outros periódicos.

As expectativas positivas relacionadas à recepção da revista, encontram-se no primeiro número que circulou em 15 de outubro de 1897, especialmente em dois textos, “Entre amigas”, de Júlia Lopes de Almeida, e “Cartão de parabéns”, de Sílvio Almeida, além do editorial assinado por Presciliana Duarte de Almeida. Nesse editorial, Presciliana afirma não acreditar que o conteúdo qualificado da revista possa ser recebido com indiferença, e acrescenta: “Que a nossa revista seja como que um centro para o qual convirja a intelligencia de todas as brasileiras! [...] e que, finalmente, todas as filhas desta grande terra nos dispensem o seu auxilio e um pouco de bôa vontade e belevolencia” (Almeida, 1897, p. 1-2).

Júlia Lopes de Almeida chama a atenção para a revista como uma sinalização do desenvolvimento do movimento feminista no Brasil. Assinala que a publicação deve impulsionar as mulheres “ao progresso, ao estudo, à reflexão, ao trabalho e a um ideal puro que as nobilite e

as enriqueça, avolumando seus dotes naturais” (Almeida, 1987, p. 4). Acrescenta que a revista funcionará como apoio e como um conselho generoso.

O “Cartão de parabéns”, escrito por Silvio de Almeida, marido da diretora, após muitos elogios à revista, afirma que seu aparecimento constitui um brado em prol da emancipação feminina, associando-a aos ideais republicanos. Ressalta as muitas dificuldades que tiveram que ser vencidas devido ao preconceito e à estreiteza da velha educação burguesa. Conclui sua peroração com votos de muito sucesso e com o seguinte desígnio: “Ó genios bemfazejos do mar, salvae dos escolhos este batel que leva comsigo, pelas ondas, o nosso proprio coração” (Almeida, 1897, p. 11).

Referências à recepção passam a ocorrer a partir do segundo número da revista, publicado em 30 de outubro de 1897. A primeira menção encontra-se na coluna “Carta do Rio”, de Maria Clara da Cunha Santos (p.19): “*A Mensageira* teve feliz aceitação aqui no Rio. Ouvi de muitas pessoas auctorizadas palavras de animação e apreço. Ainda bem!”. Maria Clara era representante da revista no Rio de Janeiro, e a expressão que encerra o comentário denota certa preocupação por parte da colunista a respeito da aceitação do periódico. No mesmo número, o artigo “Traços ligeiros”, de Sílvio de Almeida, comenta a publicação na coluna “Palestra”, do jornal *Páis*, de Arthur Azevedo, na qual o contista sugere à diretora da revista que não aceite a colaboração masculina, a fim de tornar seu periódico mais original e simpático. Almeida expressa sua discordância, desautorizando a argumentação do escritor, ao afirmar que uma revista com publicações exclusivamente femininas não seria original, pois há muitas com esse perfil. Quanto à simpatia, menciona que os melhores salões são abertos a ambos os sexos, além de reconhecer que publicações renomadas aceitam a colaboração de homens e mulheres. Acrescenta que *A Mensageira* seria enriquecida com as penas seletas de Arthur Azevedo, Filinto de Almeida, Olavo Bilac, entre outros (Almeida, 1987, v. 1).

Ainda no volume publicado em 30 de outubro, encontra-se a coluna “A Mensageira”, na qual a diretora agradece os generosos cumprimentos da imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro e transcreve notícias sobre a revista publicadas em dois jornais, no *Imparcial*, de São Paulo, e no *Páys*, do qual transcreve um trecho da coluna “Palestra”. O primeiro jornal tece muitos elogios a Presciliana, enfatizando a coragem e o denodo para enfrentar os obstáculos já vencidos e aqueles que terá de enfrentar, a fim de vencer a inveja, a traição e a indiferença que grassam na sociedade. Comenta o conteúdo da revista, destacando o artigo de Júlia Lopes de Almeida, o conto de Maria Clara da Cunha Santos e o poema de Zalina Rolim. Considera o número bem escrito e variado, com ideais elevados. No parágrafo seguinte, porém considera que

a revista serve para que “se arranque a mulher brasileira da preocupação do luxo e dos passeios frívolos que de nada lhe servem; e para que ela volte e se concentre no lar [...] nas responsabilidades de esposa, nos deveres de mãe...” (Notas Pequenas, p. 32). Pelo visto, o autor do comentário limitou-se a dar uma olhada muito rápida na revista. Se tivesse lido o editorial e o artigo de Júlia Lopes de Almeida, jamais faria uma observação tão descabida. O segundo periódico, o qual teve um fragmento comentado acima, destaca o início do editorial, a participação das escritoras e das poetisas, enfatizando a colaboração de Júlia Cortines.

O terceiro número da revista, publicado em 15 de novembro de 1897, traz uma carta da escritora Ibrantina Cardona, enviada da cidade de Campinas. A autora revela seu entusiasmo pelos objetivos da revista e pela competência da diretora, comentando o conteúdo da publicação. Como no número anterior, haviam sido citadas muitas escritoras do norte do país, Ibrantina contrapõe com escritoras do Rio Grande do Sul, chamando a atenção para Revocata Heloísa de Melo e seu trabalho no *Corimbo*, já com 14 anos na época, ao lado da irmã Julieta de Melo Monteiro. Destaca a produção literária de Revocata, suas contribuições para inúmeros periódicos, bem como as realizações literárias de Julieta de Melo Monteiro, Maria Benedita Bormann, conhecida pelo pseudônimo de Délia, Andradina de Oliveira, Luísa Cavalcanti Guimarães, Cândida Fortes Brandão, Tercília Nunes Lobo, Júlia Cavalcanti, Carolina Koseritz, Geldipa Guimarães, entre outras. Encerra a carta felicitando Presciliana. Acrescenta: “Oxalá que *A Mensageira* da civilização, na espinhosa senda que vae atravessar, conseguindo erguer a mulher ao nível da luz, no plaustro azul da Arte, possa desfraldar o lábaro da victoria, para compensação do vosso immaculado ideal, minha Senhora!” (Cardona, 1897, p. 41, v. I). “Carta com ares de chronica”, de Maria Emília (Lemos), publicada no mesmo número, aproveita a oportunidade para cumprimentar a diretora por seu ingresso no jornalismo e elogiar os textos de Júlia, de Maria Clara e das poetisas.

O número 4 de *A Mensageira*, que circulou em 30 de novembro de 1897. Traz um artigo de Ignez Sabino, dedicado a D. Prescilina Duarte, denominado “Na Thebaida”. A autora relata sua satisfação ao ler *A Mensageira*, revista que valoriza a mulher brasileira e sua elevação intelectual. Finaliza cumprimentando a diretora, desejando-lhe a mais completa das vitórias e almejando a evolução da mentalidade da mulher. (Sabino, 1987). Georgina Santiago em “Dão licença”, dirige-se aos redatores do periódico *Álbum*, noticiando o aparecimento de *A Mensageira*, em São Paulo, fundada por literatas do Rio, de São Paulo e de Minas. Afirma que não poderia ficar indiferente ao que ela denomina “renascimento da energia feminil” (Santiago, 1897, p. 61, v. I). Na coluna “A Mensageira”, há uma longa reprodução da *Cidade de Campinas*,

que comenta com muitos encômios, o segundo número da revista. Essa publicação se refere tanto aos textos em prosa quanto aos trabalhos poéticos, valorizando as escritoras experientes, como Adelina Lopes Vieira e Francisca Júlia, e as estreantes como Amélia de Oliveira e Dolores Alcântara de Araújo. Os autores também foram contemplados, sendo citados, entre eles, os poetas Arthur de Andrade e Júlio César da Silva, além da prosa de João Vieira de Almeida e de Silvio de Almeida.

Encerrando o ano de 1897, circulou o n. 6 de *A Mensageira*, em 30 de dezembro de 1897. Uma referência inusitada à recepção da revista está publicada na página 90, na forma de um soneto, escrito por Padre Corrêa de Almeida, de Barbacena, intitulado “Agradecimento”. Segue a estrofe em que contempla as matérias da revista:

As produções lindíssimas, que leio,
abonam muita e muita Brasileira,
às quaes dedico um simples galanteio,
falando-lhes assim d'esta maneira:[...]
(Almeida, 1897, p. 90)

Conclui o singelo poema com a consideração de que, em sendo padre, não pode gozar de alegrias domésticas, aproveitando a oportunidade para fazer a defesa de uma figura muito vilipendiada, a sogra. Não há relação entre o material publicado na revista com o objeto de sua defesa. Acredita-se que, na figura da sogra, tenha desejado valorizar a personagem feminina. No mesmo número, em “Notas Pequenas”, consta a correspondência do escritor Xavier de Carvalho, dirigida à diretora, na qual agradece a remessa da revista. Relata que mostrou *A Mensageira* para a escritora Marya Cheliga, considerada a sacerdotisa da emancipação feminina. A escritora teria ficado deslumbrada com a revista, considerando-a merecedora de aplausos entusiásticos. Recomenda que nela haja menos literatura e mais artigos “sólidos com ideias seguras e fortes sobre os deveres da sociedade para com a mulher” (1897, p. 94). Sugere que a revista tome a iniciativa de liderar o movimento para que as senhoras brasileiras participem da propaganda contra as guerras e a favor da paz no mundo. Na coluna “A Mensageira”, estão as notícias sobre o recebimento da revista por diversos periódicos: *Paiz*, *Gazeta*, de Uberaba, *Correio Paulistano*, *Nação*, *Gazeta de Petrópolis*. O *Paiz* celebra a qualidade literária das colaboradoras da revista, as quais nomeia. Considera a revista simpática, distinta e elegante, com impressão muito cuidada. Apenas assinala a falta das escritoras Francisca Júlia e Narcisa Amália. A *Gazeta*, de Uberaba, julga a revista mimosa, nomeia escritoras que participaram do número comentado, agradece o envio da revista e almeja uma longa série de felicidades. Há duas menções ao *Correio Paulistano*, a primeira refere-se ao terceiro número da revista, destacando a qualidade dos trabalhos elencados no sumário, o soneto de Georgina Teixeira e a carta de Ibrantina Cardona. A

segunda menção reputa a revista como variada e interessante, com bons escritos em prosa e verso, destacando a “Chronica omnimoda”, de J. Vieira de Almeida, a “Carta do Rio”, de Maria Clara da Cunha Santos, e a crítica literária da obra *Plectros*, de Ibrantina Cardoso, por Perpétua do Vale, pseudônimo de Presciliana. A *Nação* elogia o sumário, destaca a “Carta do Rio”, o soneto “Patuit Dea”, de Sílvio de Almeida, e o texto sobre as literatas polonesas de Elmano do Val, pseudônimo de Manuel Viotti. O jornal considera a leitura da revista útil e boa. A *Gazeta de Petropolis* examina o número 4 da revista; entre os artigos que considera excelentes, enfatiza a “Chronica omnimoda”, pela exaltação que tece à arte de São Paulo.

O primeiro exemplar da revista para o ano de 1898, que circulou em 15 de janeiro, traz o artigo “O feminismo”, do jornalista português radicado na França, Xavier de Carvalho. O artigo inicia com uma exaltação à revista e sua diretora: “É com o maior prazer que vemos o triumpho da litteratura feminina do Brazil na brilhante revista *A Mensageira*. [...] O interessante quinzenario da illustre poetiza D. Presciliana Duarte d’Almeida vae resurgir energias adormecidas, e acalantar entresonhadas esperanças” (Carvalho, 1987, p. 97, v. I). A esposa do autor, Mme. Blanche Xavier de Carvalho, tornou-se representante oficial de *A Mensageira* em Paris, como está noticiado na coluna “Notas Pequenas”. Na mesma coluna, como comprovante da aprovação da revista, está anunciada a colaboração das literatas francesas: Mme. Potonié Pierre, Mme. Marguerite Durand (diretora do diário *La Fronde*), Mme. Marie Martin, Mme. Cheliga e Melle. de Saint Croix.

O próximo número com comentários sobre a revista *A Mensageira* circulou em 30 de março de 1898. Foram recebidos retornos dos periódicos: *Farpa*, de Porto Alegre, *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, e *Cidade de São João*. O comentário mais alentado provém da publicação *Farpa*, que acusa o recebimento da revista, elogia a qualidade das produções assinadas por senhoras, as quais consideram como missão sair dos limites domésticos e desenvolver-se espiritualmente, aspecto que constitui o fundamento dos povos civilizados. Incita as sul-rio-grandenses a imitarem esse comportamento. Aproveita para cumprimentar a revista e desejar-lhe uma trajetória tranquila e feliz. O *Jornal do Commercio* acusa o recebimento do número 9 da revista e assinala a semelhança com os demais exemplares publicados, considerando a qualidade das matérias que abonam o bom gosto das autoras. A *Cidade de São João* também menciona o recebimento do número 9, considera a diretora uma pessoa distinta, e destaca o soneto “Aves e Corações” que reproduz para seus leitores. Em missiva para *A Mensageira*, publicada nessa data, a escritora portuguesa, Guiomar Torrezão felicita a diretora pela publicação de uma revista considerada porta-estandarte do feminismo no Brasil: “Saúdo-a

pelo seu empreendimento, que tão decisiva e benéfica influencia deverá ter nos destinos da mulher brasileira e no vasto território da pátria”. (Torrezão, 1987, p. 190, v. I). Promete, para breve, enviar um texto à simpática revista. Esse comentário merece atenção especial, uma vez que a eminente escritora portuguesa era diretora de uma publicação denominada *Almanach das Senhoras*, um anuário que circulou entre os anos de 1871 e 1927, publicado em Portugal e no Brasil e do qual participaram renomadas autoras brasileiras como Júlia Lopes de Almeida, Ignez Sabino, Presciliana Lopes de Almeida, entre outras. Também colaboravam autores como Alexandre Herculano, Eça de Queirós, Machado de Assis.

A revista publicada em 15 de abril de 1898 (número 13) traz comentários dos seguintes periódicos: *Nação*, *Gazeta de Leopoldina* e *Minas Gerais*, de Ouro Preto. A *Nação* comenta os números 10 e 8, referindo-se à revista como esplêndida publicação. Entre as matérias do número 10, ressalta a “Carta do Rio”, de Maria Clara da Cunha Santos, e poemas de Aurélio Neves, Presciliana Duarte de Almeida e Cândido de Carvalho. Em referência ao número 8, elogia os textos em prosa e verso de Júlia Lopes de Almeida, Manuel Viotti, Maria Emília, Áurea Pires, Maria Clara, Eloy Alfaro, Delmina Silveira, Francisco Lins e Dolores Araújo. Conclui considerando esse número excelente. A *Gazeta de Leopoldina* assinala o recebimento do número 9 da revista; a diretora é considerada maviosa. Não comenta autor ou matéria, limita-se a afirmar que o jornal está reproduzindo, em suas colunas, um soneto de Presciliana. O *Minas Gerais* também recebeu o número 9, e utiliza muitos adjetivos para referir-se à diretora e a revista, mencionando a consulta ao sumário.

Em 15 de maio de 1898, volta a ser publicada a coluna “A Mensageira”, com observações de outros periódicos a respeito da revista. Estão presentes nesta coluna *Debate*, da capital federal (na época, Rio de Janeiro), *Diário Popular*, de São Paulo e *Gazeta de Petrópolis*. O primeiro periódico refere-se ao número 11, do qual destaca os poemas do Padre Correia de Almeida, os belos alexandrinos de Francisca Júlia e a poesia vigorosa de Presciliana Duarte de Almeida. Também referente ao número 11, o *Diário Popular* menciona a “Chronica omnimoda”, de J. Vieira de Almeida, elogiando o humor e a correção do estilo. A *Gazeta de Petrópolis* cita o número 14 (*sic*) de 30 de abril. Na verdade, no dia 30 de abril circulou o número 13 da revista. Menciona a quantidade e a qualidade dos trabalhos publicados. Consta uma referência específica apenas, o conto “No meu atelier”, de Júlia Lopes de Almeida.

Em *A Mensageira*, de 30 de maio de 1898, na seção “Notas Pequenas”, há a notícia de que a revista encontra-se no Chile. O colaborador Nelson de Senna enviou para o homem de

letras Clemente Barahona Vega um exemplar de *A Mensageira*. Na resposta, o chileno comenta o artigo “Intelectualidade feminina brasileira”, de autoria de Pelayo Serrano (pseudônimo de Nelson de Senna), e publicada em 15 de janeiro de 1898. O artigo foi considerado tão importante que Barahona Vega traduziu para publicá-lo no único periódico feminista do Chile, *La Mujer*, da cidade de Curicó (Chile). Na coluna “A Mensageira”, constam apreciações de *Cidade do Rio*, *Diário Popular* e *Rua do Ouvidor*. O primeiro periódico refere-se ao número 14 da revista, destacando artigos de Delminda Silveira, Júlia Lopes de Almeida, Maria Clara da Cunha Santos, Perpétua do Valle. Também menciona os poemas de Francisca Júlia da Silva, Áurea Pires e Adélia Jucá. O soneto de Maria Jucá (publicado no mesmo número) foi reproduzido nas colunas de *Cidade do Rio*. O *Diário Popular* examina o número 15, chamando a atenção para a “Carta do Rio”, o artigo sobre Madame de La Fayette, de Perpétua do Valle, e o poema de Cândido de Carvalho. A *Rua do Ouvidor* limita-se a elogiar a revista e a diretora, ressaltando o mérito de ser escrito por senhoras que estão engajadas na campanha para elevar a mulher ao lugar que efetivamente merece.

Em 15 de julho de 1898, circulou o número 19 de *A Mensageira*, no qual está reproduzida uma censura à revista, publicada na “Carta do Rio”, de Maria Clara da Cunha Santos. A censura refere-se à reprodução em *A Mensageria* de um trabalho publicado em outro periódico. Ao mesmo tempo, essa pessoa falava com entusiasmo sobre o assunto. Como a revista mencionava a procedência, não havia motivo para a reprovação. Muitas publicações replicavam os textos veiculados em *A Mensageira*.

O número 20, de 30 de julho de 1898, traz, inseridos na coluna “Notas Pequenas”, comentários sobre o número 17, de 15 de maio, publicados no *Diário Popular*. O *Diário* considera a revista *chic* e sua diretora, uma brilhante intelectual. Destaca, entre as publicações, o conto “Borboletas”, da poetisa Zalina Rolim.

Em 15 de agosto de 1898, circula o número 21 da revista, que traz, novamente, a coluna “A Mensageira”, reproduzindo apreciações publicadas em outros veículos de comunicação. Estão presentes, nesta edição, o *Diário Popular*, o *Commercio de São Paulo*, a *Revista Popular*, da Bahia e o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. O *Diário Popular* comenta o número 16, chamando a atenção para o trabalho sobre o escritor italiano Felice Cavalotti, redigido pela escritora sul-rio-grandense Revocata Heloísa de Melo, e uma crítica literária de Silvio de Almeida sobre o livro de poemas *Os poentes*, do autor Eugênio Leonel. O *Commercio*, examina a revista número 17, destacando a “Carta do Rio”, cuja autora é nomeada como Maria Vilhena

dos Santos, utilizando Vilhena, sobrenome de solteira de Maria Clara, menciona o conto “Borboletas” de Zalina Rolim, o conto “Romance de uma onça”, do engenheiro André Rebouças, e um poema “A Luiz Guimarães”, de Áurea Pires. A baiana *Revista Popular* limita-se a elogiar a publicação do número 19, destacando a qualidade da escrita e da impressão, o que a torna merecedora de excelente classificação. O *Jornal do Commercio* também se refere ao número 19, limitando-se, como o periódico anterior, a tecer elogios, acrescentando que o número é variado e os artigos são de real interesse.

Em 30 de setembro de 1898, *A Mensageira* completa um ano de existência. No editorial, denominado “A primeira avançada”, Presciliana Duarte de Almeida retoma as expectativas de desenvolvimento mental das brasileiras, expressas em “Duas palavras”, editorial do primeiro número, e constata que foram bastante excedidas, comprovadas pela quantidade de livros e periódicos publicados por senhoras, a distinção de que foi alvo Júlia Lopes de Almeida, bem como a campanha que essa escritora está fazendo, no Rio de Janeiro em prol de creches e jardins da infância. Os progressos alcançados levam a crer que o Brasil, em pouco tempo, será um dos países mais avançados da América. Maria Clara, na “Carta do Rio”, também aproveita o ensejo para falar acerca da revista, comentando os talentos iniciantes, que revelou referindo-se também a escritoras competentes que eram pouco conhecidas. Como se considera suspeita, por pertencer aos quadros da revista desde os números iniciais, declina de fazer maiores elogios à publicação. Este número, também, encerra o primeiro ciclo da revista, a qual voltará a ser publicada em 15 de fevereiro de 1899, não mais no formato quinzenal, para ser publicada uma vez por mês. O intervalo deveu-se à morte de Bolívar, aos 18 meses, filho mais jovem de Presciliana, que se recolheu em luto durante esses meses.

O número 25, publicado em 15 de fevereiro de 1899, não traz reproduções de opiniões sobre a revista, mas é digno de nota um soneto da poetisa gaúcha Cândida Fortes Brandão denominado “A Mensageira”, que homenageia a revista por meio da alegoria de uma canoa indígena, singrando o rio Tietê sobrevoada por andorinhas, indagando qual dessas belas aves simboliza a galharda revista. Em “Notas Pequenas”, há o aviso de que a revista será mensal, porque a direção não conta com auxiliares nem com capital para viabilizar uma publicação quinzenal. Promete compensar os leitores com o aumento do número de páginas e espera continuar a merecer o apreço dispensado no primeiro ano do periódico.

Dia 15 de março de 1899, circulou o número 26 da revista *A Mensageira*. Na coluna que porta o mesmo nome, há duas referências à recepção, do *Jornal do Commercio*, do Rio de

Janeiro, e do *Commercio de São Paulo*, dois jornais que frequentemente teciam comentários sobre a revista. O primeiro refere-se ao número 24, que circulara no ano anterior, assinalando o aniversário do periódico. Cumprimenta a redatora e toda sua equipe pela qualidade do trabalho realizado, muito digno de aplauso. O segundo jornal também se refere ao número 24 e ao aniversário da revista, e como o periódico anterior, felicita a revista, desejando-lhe uma longa vida, já que, em tão curto lapso temporal, conseguiu angariar o interesse do público leitor devido a seus objetivos e a qualidade com que é redigida.

O número 27, de 15 de abril de 1899, na coluna “A Mensageira”, há apontamentos das seguintes publicações: *Estímulo*, de Santos, *Gazeta de Petrópolis*, *Correio de Minas*, de Juiz de Fora, e *Cidade de Campinas*. Os três primeiros periódicos têm um tema comum, o reaparecimento da revista *A Mensageira*, portanto referem-se ao número 25. O *Estímulo* festeja o novo formato, elogiando o sumário e os talentos femininos presentes. A *Gazeta de Petrópolis* assinala que a revista é elegante e está bem impressa. O *Correio de Minas*, após os cumprimentos de praxe, comenta o conteúdo, nomeando as autoras presentes, bem como os escritores que são denominados de sexo feio. Recomenda a revista aos apreciadores das boas letras e conclui transcrevendo o soneto em homenagem à *Mensageira*, de Cândida Fortes Brandão. A coluna é assinada por Braz Cubas. O jornal *Cidade de Campinas* examina o número 26, comentando a quantidade, a qualidade e o ineditismo do material publicado. A seguir destaca alguns artigos e poemas com observações pertinentes.

Em 15 de maio de 1899, circulou o número 27 da revista *A Mensageira*, na qual foi publicada a coluna com o mesmo nome do periódico. Nessa coluna, estão transcritas as publicações sobre a revista das seguintes folhas: *Domingo*, de Rezende, *Paiz*, do Rio de Janeiro, *Correio Paulistano*, *Brazil*. Em relação ao número 26 da revista, o *Domingo*, após inúmeros elogios à diretora, considerando-a uma das glórias das letras no país, comenta a qualidade da impressão, a excelência das colaborações em prosa e verso, o belo retrato de Áurea Pires e o soneto impecável de Júlia Cortines. Conclui com votos pela prosperidade do periódico. O *Paiz* aponta o recebimento do número 27 (abril de 1899) e, com elogios de praxe à diretora, nomeia as poetisas Narcisa Amália, Áurea Pires, Helena de Viveiros, Presciliana de Almeida e a prosa de competentes escritores, citando Ecila Worms (pseudônimo de Júlia Lopes de Almeida), colaboradora do *Paiz*. O *Correio Paulistano* também menciona o número 27, comentando sobre a qualidade e a variedade da colaboração. Encerra parabenizando a ilustre diretora Presciliana Duarte de Almeida. Ainda o número 27 é mencionado pelo jornal *Brazil*, que considera a diretora da revista como poetisa inspirada. Faz uma consideração geral sobre os atributos

positivos da revista, destacando, na primeira página, o retrato de Madame Dreyfus, lembrando o rumoroso caso que abalou a república francesa, envolvendo o capitão de artilharia Alfred Dreyfus, de origem judaica, acusado de traição injustamente.

Está publicado, no número 29, de 15 de julho de 1899, o comentário da revista *Ceciliana*, que acusa o recebimento de alguns números do periódico, provavelmente, os exemplares 25 e 26. Além de enfatizar que se trata de uma publicação direcionada às mulheres, destaca o retrato da poetisa Áurea Pires e os poemas de Sílvio e Presciliana de Almeida.

O número 30, de 15 de agosto de 1899, de *A Mensageira*, publica considerações de dois periódicos, o *Correio Paulistano* e a *Revista Contemporanea*. Quanto ao primeiro periódico, comenta a riqueza e variedade do sumário, com belos poemas e bons textos em prosa. Solicita licença para reproduzir um poema do autor de “De Lucto” (Luiz Pistarini), intitulado “Uma Relíquia”. A *Revista Contemporanea* refere-se à *Mensageira* com palavras poéticas, considerando-a um ramalhete de flores perfumadas que encanta a todos que a tocam. A tônica laudatória permanece em relação ao ano de existência dedicada ao desenvolvimento das mulheres e, também, aos números 26 e 27. Não se furta em elogiar os retratos de Áurea Pires, a celebrada poetisa mineira, e de Madame Dreyfus. Em relação a Áurea Pires, considera que a publicação de seu retrato é uma homenagem à mulher brasileira, referindo-se aos preconceitos mesquinhos que precisou enfrentar. Sobre Madame Dreyfus, é uma forma de prestar apoio moral, destacando sua lealdade ao marido que se encontra preso injustamente na Ilha do Diabo, o que está ocasionando grande movimentação na França. Encerra felicitando a diretora da revista.

Em 15 de novembro de 1899, circulou o número 34 de *A Mensageira* que traz comentários do jornal *Popular* acerca do número 33 da revista. O jornal pondera sobre a distinção da diretora e o conteúdo da revista que considera magnífico, cujos textos são assinados por autoras bastante conhecidas no mundo das letras. Como a revista se dirige às mulheres, o conteúdo está adequado ao fim que se propõe. Pelas qualidades da revista, deseja que faça uma rápida carreira.

Os comentários do *Município*, de Lorena, e do *Estado de Sergipe*, de Aracaju, ocupam toda a coluna “A Mensageira”, publicada no número 35 que circulou em 15 de dezembro de 1899. O *Município* assinala o conhecimento recente da revista, referindo-se à competência da diretora e à qualidade dos artigos e dos poemas redigidos por autoras talentosas. O *Estado de Sergipe*, após inúmeros elogios à Presciliana, destaca o relevo da capacidade e competência

intelectual das mulheres, destinatárias da revista. Examina os números 30 e 31, considerando-as joias literárias, dando ênfase ao um soneto de Cândido de Carvalho e ao artigo “A mulher do futuro”, da autora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho.

No dia 15 de janeiro de 1900, circulou o número 36, último de *A Mensageira*. Na coluna “Notas Pequenas”, está assinalado o fechamento do segundo ano da publicação. A direção aproveita a oportunidade para agradecer os colaboradores que talentosamente conduziram o empreendimento e o acolhimento dos assinantes. Agradece, também, a gentileza e o cavalheirismo dos editores Carlos Gerke & Cia. A seguir, anuncia a suspensão temporária da revista. Talvez houvesse o objetivo de retomá-la futuramente, o que, infelizmente não se concretizou.

Considerações finais

De acordo com Buitoni (1981), os almanaques foram os precursores da imprensa feminina porque traziam conselhos sobre medicina, economia doméstica, cuidados com filhos, textos literários. Desde a publicação do *Lady's Mercury*, no século XVII até o surgimento da imprensa dirigida às mulheres no Brasil, no século XIX, modificou-se sensivelmente a posição do sujeito feminino, cujo acesso às letras ampliou-se, com a formação de um considerável público leitor, restrito às classes mais abastadas da sociedade. O *Belona Irada contra os Sectários de Momo*, de Maria Josefa Barreto, passando pelo *Jornal das Senhoras*, de Juana Paula Manso de Noronha, pavimentaram uma estrada que foi trilhada por muitos periódicos, até o surgimento de uma publicação que se notabilizou por sua qualidade, *A Mensageira*, Revista Literária Dedicada à Mulher Brasileira. *A Mensageira* destacou-se pela qualidade do conteúdo e pelo cuidado da impressão, aspectos esses salientados nos comentários sobre a recepção do periódico.

Inicialmente, a revista era quinzenal, sendo publicados, entre outubro de 1897 e setembro de 1898, 24 números. Os comentários sobre esse periódico, publicados em órgãos da imprensa que recebiam a revista, foram reproduzidos, preferencialmente, numa coluna denominada “A Mensageira”, a qual ocorreu em 9 oportunidades, durante o primeiro ano. Além de “A Mensageira”, outra coluna que também fez esse registro era denominada “Notas Pequenas”. No entanto, as opiniões não se restringiram às colunas, tendo em vista que também foram publicados 7 artigos, enviados diretamente à revista, a respeito da recepção.

No segundo ano de circulação de *A Mensageira*, após uma interrupção de quatro meses, a publicação foi retomada em fevereiro de 1899, sendo impressa até janeiro de 1900, nessa época, foi ampliado o número de páginas e a circulação tornou-se mensal. Nos 12 números publicados, a coluna “A Mensageira” esteve presente em 8 oportunidades. Em relação a “Notas Pequenas”, registra-se uma única ocorrência com a notícia da suspensão temporária da revista, suspensão essa que se tornou permanente, acredita-se que o encerramento tenha ocorrido por dificuldades financeiras, uma vez que o periódico não veiculava anúncios, os quais apareciam somente na sobrecapa. Outro problema que pode ter concorrido para a cessação das atividades talvez tenha sido a dificuldade de Presciliana para conseguir auxiliares adequados para viabilizar a continuidade da publicação.

Diversos periódicos têm suas observações sobre a revista citadas frequentemente. São preponderantes publicações do Rio de Janeiro e de São Paulo, são eles *Jornal do Commercio*, *Paiz* e *Gazeta de Petropolis*, do Rio de Janeiro; *Correio Paulistano*, de São Paulo. Também ocorrem menções a jornais de Sergipe, da Bahia, entre outros. Chama a atenção a referência de um jornal do extremo sul do país, a *Farpa*, de Porto Alegre. Duas publicações comparecem com apenas uma referência cada uma delas, a *Gazeta de Uberaba* e o jornal *Minas Gerais*, de Juiz de Fora. Considerando que Presciliana e Sílvio de Almeida são mineiros, não deixa de surpreender essa pouca receptividade. O jornal de Juiz de Fora, espirituosamente, chama a atenção ao fato de que as publicações paulistas não são prestigiadas pelos mineiros.

Em muitos comunicados, os comentários referem-se a determinados conteúdos, artigos, textos literários, colunas, com observações pertinentes. Em outros, as observações são de caráter geral, referindo-se à diretora, ao projeto gráfico e ao conteúdo com uma série de adjetivos. A diretora é referida como inspirada poetisa, ilustrada diretora, gentilíssima e talentosa escritora de nome conhecido e festejado nas nossas letras, ilustre patricia, entre muitos outros de teor semelhante. O projeto gráfico é considerado elegante e a revista bem impressa. Em relação ao conteúdo, o exame do sumário é frequente e visto como variado e atraente, sendo destacado o ineditismo e a qualidade dos trabalhos em prosa e em verso. Alguns periódicos reproduzem poemas publicados em *A Mensageira*. Algumas publicações valorizam a reprodução de retratos de pessoas ilustres.

Foi publicada na coluna “Notas Pequenas”, de 15 de junho de 1898, com a permissão do periódico *Rua do Ouvidor*, solicitada pela revista *A Mensageira*, a matéria sobre a autora gaúcha Maria Clara da Cunha Santos, titular da coluna “Carta do Rio”. Na matéria consta que a autora é casada com o engenheiro e abolicionista Dr. José Américo dos Santos, sendo seu pai juiz de

direito no interior de Minas Gerais. Maria Clara é uma escritora talentosa que, além da coluna “Carta do Rio” que publica em *A Mensageira*, escreveu, em parceria com Presciliana Duarte de Almeida, a obra *Pirilampos e Rumorejos*, cujo prefácio foi assinado pela poetisa Adelina Lopes Vieira. Maria Clara colabora com outros periódicos como *Paiz*, *Semana*, *A Família*. Também é musicista, pois toca violino, e pintora, participando de exposições na Escola Nacional de Bellas Artes.

Publicado na coluna “Notas Pequenas”, de 15 de dezembro de 1899, com o subtítulo “A literatura feminista na exposição de 1900” encontra-se o pedido da Dra. Aletta H. Jacobs, solicitando uma coleção completa da revista *A Mensageira*, a fim de exibi-la na Exposição de Paris de 1900. A notícia acerca do periódico chegou ao conhecimento da Dra. Jacobs por meio da leitura da revista parisiense *La Fronde*, de 13 de julho do mesmo ano.

A Mensageira era uma revista bastante diferenciada. Essa constatação está fundamentada nos comentários emitidos pelas publicações referidas no periódico, enfatizando a presença de escritoras, cujas produções se revestiam de grande qualidade. De acordo com o objetivo expresso pela diretora, o periódico publicava literatura e artigos de opinião, cuja tônica era a emancipação feminina. Esse aspecto, muitas vezes, não era percebido pelos jornalistas, o que pode ser verificado pelas expressões utilizadas, quando chamavam de mimosa tanto a diretora quanto a revista. Essa desconexão com o propósito do periódico pode ser considerada como um indício da necessidade de haver, na época, um maior número dessa modalidade de publicação, a fim de disseminar as conquistas femininas, no exercício de uma profissão e, também, divulgar as demandas femininas em relação ao reconhecimento de seus direitos civis e políticos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Presciliana Duarte de. Duas palavras. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literaria dedicada á mulher brasileira. Ed. Fac-similar. São Paulo: Imprensa oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v.1, p. 1-2.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. Entre amigas. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literaria dedicada á mulher brasileira. Ed. Fac-similar. São Paulo: Imprensa oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v.1, p. 4.

ALMEIDA, Sílvio. Cartão de parabéns. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literaria dedicada á mulher brasileira. Ed. Fac-similar. São Paulo: Imprensa oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v.1, p. 11.

ALMEIDA, Sílvio. Cartão de parabéns. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literaria dedicada á mulher brasileira. Ed. Fac-similar. São Paulo: Imprensa oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v. 1.

ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literaria dedicada á mulher brasileira. Ed. Fac-similar. São Paulo: Imprensa oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v. 1 e 2

BITTONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de papel*. São Paulo: Loyola, 1981.

CARDONA, Ibrantina. Carta. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literaria dedicada á mulher brasileira. Ed. Fac-similar. São Paulo: Imprensa oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v.1, p. 41.

CARVALHO, Xavier de. O feminismo. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literaria dedicada á mulher brasileira. Ed. Fac-similar. São Paulo: Imprensa oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v.1 p. 97.

MUZART, Zilah Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Estudos feministas*. Florianópolis, v. 11, n. (1), dossiê, p. 225-233, jan-jun. 2003.

NOTAS PEQUENAS. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literaria dedicada á mulher brasileira. Ed. Fac-similar. São Paulo: Imprensa oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v.1., p. 32.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1998.

SABINO, Ignez. Na Thebaida. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literaria dedicada á mulher brasileira. Ed. Fac-similar. São Paulo: Imprensa oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v.1.

SANTIAGO, Georgina. Dão licença. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literaria dedicada á mulher brasileira. Ed. Fac-similar. São Paulo: Imprensa oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v. 1, p. 61.

SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literaria dedicada á mulher brasileira. Ed. Fac-similar. São Paulo: Imprensa oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v.1, p. 19.

TORREZÃO, Guiomar. Notas pequenas. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literaria dedicada á mulher brasileira. Ed. Fac-similar. São Paulo: Imprensa oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v.1, p. 189-190.

Cecil Jeanine Albert Zinani possui graduação em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (1968), mestrado em Letras/Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1991), doutorado em Letras/ Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003) e estágio pós-doutoral em Letras/ História e Memória pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente é professor Doutor Titular na Universidade de Caxias do Sul e coordena o grupo de pesquisa "Literatura e Gênero". Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Língua e Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura, leitura, ensino de literatura, estudos culturais de gênero.

Artigo recebido em 23/07/2025.

Aprovado em 26/12/2025.